

# Do escambo ao dinheiro: Marx e a divindade visível

Francisco de Assis Silva

**Resumo:** A economia política tratou as categorias econômicas como naturais e eternas, e não se questionou sobre as condições de possibilidade de determinados fenômenos. Ao partir da riqueza burguesa em *O capital*, Marx critica a economia política por não investigar seus pressupostos e tratá-los como concebidos pela natureza. A crítica de Marx ao dogmatismo econômico permite revelar a idiossincrasia das relações mercantis, dentre elas a do seu equivalente geral, o dinheiro, revelando o poder nele intrínseco de aglutinador e solvente das relações sociais. Neste sentido, o presente artigo pretende discutir o processo de troca mercantil e a circulação das mercadorias abordados por Marx em *O capital*, acompanhado pela idiossincrasia fetichista do dinheiro.

**Palavras-chave:** Escambo; Mercadoria; Dinheiro; Fetichismo.

Ao longo de quase 40 anos Marx se dedicou ao estudo da crítica da economia política e n’*O capital*, sua principal obra, está o resultado inacabado desta empreitada. E será logo no início dessa obra que Marx chamará a atenção para a riqueza burguesa e sua forma elementar: a mercadoria. Dedicando-se ao desdobramento lógico e histórico das formas mercadoria, dinheiro e capital – sem, contudo, possuir este encadeamento uma consequência necessária, mas sim decorrente do desenvolvimento das relações sociais –, Marx, de modo percuciente, criticou os alicerces da economia política.

O questionamento do caráter natural dado às categorias econômicas pela economia política é o cerne da crítica de Marx. Suas indagações o levaram ao desvendamento da socialidade burguesa ao expor o modo como o capitalismo aplica a sua lógica impessoal e abstrata nas relações sociais.

Ao analisar a forma elementar da riqueza burguesa (ou riqueza abstrata), Marx percebeu que à primeira vista a mercadoria parece algo comum, mas analisando-a detidamente vê-se que esconde algo de

teológico e metafísico, na qual estão presentes dois atributos, valor-de-uso e valor-de-troca<sup>1</sup> (ou simplesmente valor).

Marx deduz que em havendo dois atributos numa mercadoria há também um duplo caráter do trabalho nela contido: um concreto, produtor de valores-de-uso e outro abstrato, produtor de valor. O trabalho concreto resulta na materialidade do objeto, dotando-o de características qualitativas, fornecendo o caráter útil ao objeto produzido. O trabalho abstrato é a substância do valor, é o que resta ao se afastar todas as características concretas da mercadoria e o que possibilita que as mercadorias possam ser permutadas. Ao perder suas qualidades, restará no produto apenas o dispêndio de força humana de trabalho necessário para sua produção, um quantum de trabalho social que será destacado no momento da troca de mercadorias. Essa troca só é possível porque há um elemento comum entre as mercadorias e que delas difere. Esse elemento comum, dirá Marx, é o trabalho humano abstrato. Ao priorizar na troca o valor não significa que o valor-de-uso seja afastado, mas fica subalternizado frente ao valor. Segundo Marx, o valor-de-uso não tem importância direta para o possuidor da mercadoria, interessando primordialmente ao seu comprador, pois para o vendedor ela só interessa como valor-de-uso enquanto veículo material do valor.<sup>2</sup>

Ao desdobrar a forma valor, Marx identificou nela dois pólos: a forma relativa e a forma de equivalente. A relação entre ambos varia conforme a posição que as mercadorias ocupam na relação de troca.

---

1. “Toda propriedade tem duas funções particulares, diferentes entre si: uma própria e direta, outra que não o é. Exemplo: o calçado pode ser posto nos pés ou ser usado como um meio de troca; eis, pois, duas maneiras de se fazer uso dele. Aquele que troca um calçado por moeda ou por alimento com o que tem precisão de calçados, dele faz justo uso, como calçado, mas não um uso próprio e direto, porque não foi feito para troca. Assim acontece com tudo que se possui, pois nada existe que não possa tornar-se objeto de uma troca; e a permuta tem o seu fundamento na própria natureza, porque os homens possuem em maior ou menor quantidade os objetos indispensáveis à vida”. (Aristóteles. *A política*. SP: Escala, 2005, p. 25) Em *O capital*, Marx reconhece a patente aristotélica acerca dos atributos da mercadoria.

2. Marx, 2003, p. 110.

Se uma mercadoria está como relativa ela se espelhará no valor-de-uso da que está como equivalente para expressar o seu valor, em outras palavras, a forma de equivalente empresta sua corporeidade para que nela possa expressar o valor de outra mercadoria que assume a forma relativa. Essa forma de relacionarem-se as mercadorias é característica de uma sociedade baseada no escambo, sem a intermediação do dinheiro, dada pela troca direta entre os produtos do trabalho. Assim acontecia nas comunidades primitivas, em que as trocas de mercadorias eram realizadas entre as comunidades ou entre os membros de comunidades distintas, e não isoladamente entre os indivíduos. Por esse motivo os laços de dependência estavam presentes na comunidade, contrário do que veio ocorrer ao longo da história com a produção privada e autônoma.

As transformações nas relações de troca afetaram mutuamente a divisão social do trabalho. Como na nova forma social que se constitui, baseada na produção isolada e independente, cada indivíduo trabalha para si e seu produto como valor-de-uso não lhe interessa diretamente, cada produtor foi impelido a trocar seu produto no mercado, não apenas com o objetivo de participar do sistema produtivo, mas antes, de transformar seu produto em meios de garantia de sua própria existência.

Numa organização comunitária o trabalho individual não se configura como um trabalho privado e independente, mas se integra a um organismo social. Por outro lado, uma sociedade constituída por produtores privados e autônomos, os trabalhos individuais só se tornam partes do trabalho social na medida em que os produtos do trabalho sejam intercambiados. Vale dizer na mesma proporção em que os produtores se relacionam através dos produtos do seu trabalho. E aqui reside o que Marx chamou de fetichismo da mercadoria, pois ao perder o controle de suas próprias relações de produção, deixando

de ser seu trabalho um trabalho diretamente social, os produtores também perdem a subjetividade direta do contato entre ambos, ligando-se apenas pelos objetos produzidos, ou seja, reificam-se as relações entre as pessoas e se estabelecem relações sociais entre as coisas. Os objetos assumem a posição que antes pertenciam aos seus produtores e passam a se expressar a partir dessa relação.

Mas para que sejam trocadas as mercadorias não vão ao mercado por conta própria<sup>3</sup>, são levadas por seus possuidores que, na condição de proprietários privados e independentes, através de um ato de vontade, trocam as mercadorias. Para ser trocada a mercadoria precisa antes ser útil, isto é, deve possuir valor-de-uso, deve servir como objeto útil para quem vai adquiri-la. No entanto, como cada possuidor de mercadoria considera a sua como equivalente geral de todas as outras e cada mercadoria alheia como equivalente particular da sua, tornou-se difícil a realização das trocas por não haver um equivalente geral que pudesse equiparar seus valores e comparar suas magnitudes de valor. Nessa condição, trocavam-se apenas valores-de-uso.

No momento em que a produção dos valores-de-uso ultrapassou a quantidade necessária ao consumo, um excedente foi criado e possibilitou a conversão dos valores-de-uso em valor. Como as mercadorias comportam-se “através do instinto natural dos seus possuidores”<sup>4</sup>, é na comparação com outras mercadorias, portanto, por meio dos valores, que a troca se efetiva. Mas a escolha de uma mercadoria como equivalente geral só pode se dar num processo prático, e é na ação social que uma mercadoria será eleita equivalente geral, tornando-se assim, dinheiro.

Ao longo dos séculos inúmeras mercadorias exerceram a função de dinheiro, como o gado, o açúcar, o algodão, o café, o ouro e mesmo

---

3. “Não é com seus pés que as mercadorias vão ao mercado, nem se trocam por decisão própria. Temos, portanto, de procurar seus responsáveis, seus donos”. (Ibid., p. 109)

4. Ibid., p. 111.

seres humanos. Marx esclarece que no início a causalidade determinava a mercadoria eleita como equivalente geral, como dinheiro, mas geralmente duas circunstâncias eram peremptórias para essa escolha: a) a forma dinheiro ligava-se aos mais importantes artigos estrangeiros; ou b) fixava-se num objeto útil que representava o elemento principal do patrimônio local.

Aos poucos, à medida que a troca de mercadorias rompe os laços locais e o trabalho abstrato se intensifica no valor das mercadorias, a forma dinheiro situa-se nas mercadorias que funcionam como equivalente universal: os metais preciosos.

No início do capítulo “O dinheiro ou a circulação das mercadorias”, Marx afirma categoricamente: “A fim de simplificar, pressuporemos sempre que o ouro é a mercadoria dinheiro”<sup>5</sup>. No entanto, é comum a interpretação equivocada de que Marx tenha tomado como base unicamente o ouro como forma dinheiro. A proposta de Marx em utilizar o ouro como dinheiro visava apenas facilitar sua exposição acerca da circulação das mercadorias e não em admiti-lo como a única mercadoria dinheiro. E acrescenta:

Não é através do dinheiro que as mercadorias se tornam comensuráveis. Ao contrário. Sendo as mercadorias, como valores, encarnação de trabalho humano e, por isso, entre si comensuráveis, podem elas, em comum, medir seus valores por intermédio da mesma mercadoria específica, transformando essa em sua medida universal do valor, ou seja, em dinheiro. O dinheiro, como medida do valor, é a forma necessária de manifestar-se a medida imanente do valor das mercadorias, o tempo de trabalho.<sup>6</sup>

A despeito disso, a economia política confundiu as noções de valor e preço. Embora o valor de uma mercadoria seja determinado pela

---

5. Ibid., p. 121.

6. Idem, ibid.

quantidade de trabalho nela corporificado, que por sua vez é medido pelo tempo de trabalho despendido em sua produção, o mesmo não ocorre, necessariamente, com o preço, que por ser uma forma puramente ideal para expressar o valor, contém em si a possibilidade de divergir quantitativa e qualitativamente do valor. O preço é uma forma imaginária, podendo ser estendida até ao que não tem valor, como:

Coisas que, em si mesmas, não são mercadorias – por exemplo, honra, consciência etc. –, podem seus donos considerar alienáveis por dinheiro, e, assim, receber, por meio de seu preço, a forma de mercadoria.<sup>7</sup>

O dinheiro é a forma do valor das mercadorias e não se confunde com o preço, forma ideal, mas nem sempre condizente ao valor. O preço de uma mercadoria é, portanto, o nome que se dá à quantidade de trabalho social incorporada na mercadoria, apresentada na forma dinheiro.

O dinheiro, por representar trabalho cristalizado, dispõe da capacidade de converter as coisas em mercadoria, em objetos de troca, dando ao seu possuidor o atributo de tudo nele converter, de tudo comprar, e o poder de comandar o trabalho alheio<sup>8</sup>. Embora nas primeiras sociedades se trocassem produtos, não havia nelas o equivalente geral, uma mercadoria que exercesse a função de incorporar nela apenas quantidade de trabalho.

No escambo, a troca mercantil se dava de forma direta, representada pela fórmula  $M - M$ , ou seja, permutava-se diretamente mercadoria por outra mercadoria. Mas quando esse processo passa a ser intermediado pelo dinheiro,  $M - D - M$ , onde  $D$  é dinheiro, altera-se substancialmente a circulação de mercadorias. Há agora uma mercadoria, o dinheiro, que tem a capacidade de comprar quaisquer

---

7. Ibid., p.129.

8. Nesse sentido, o dinheiro expressa a luta de classes, a expropriação de trabalho não pago e a subordinação do trabalhador ao processo produtivo.

mercadorias, de se converter em qualquer mercadoria que o seu possuidor deseje adquirir.

Marx esclarece que na primeira fase,  $M - D$ , vende-se a mercadoria para se obter dinheiro, para posteriormente, munido desse dinheiro, comprar outra mercadoria,  $D - M$ , distinta do valor-de-uso da primeira. São dois movimentos que se opõem e se complementam:  $M - D$ ,  $D - M$ . O possuidor da mercadoria exerce então duas funções: a de vendedor e a de comprador. Mudam-se apenas as pessoas envolvidas nessa relação.

Para Marx o envolvimento do dinheiro na relação mercantil, difere formal e essencialmente a circulação das mercadorias da troca imediata dos produtos. Primeiro, porque a troca de mercadorias rompe os pontos limítrofes individuais e locais da troca direta dos produtos, desenvolvendo a circulação dos produtos do trabalho humano. E segundo, por desenvolver um ciclo de ligações sociais de forma espontânea e incontrolável entre aqueles que participam das operações<sup>9</sup>. Esse é um processo que não se extingue, como ocorre com o escambo ao se trocar os objetos úteis. Na circulação  $M - D - M$ , o dinheiro pode ficar retido em qualquer uma das fases, pois ninguém “pode vender sem que alguém compre. Mas ninguém é obrigado a comprar imediatamente, apenas por ter vendido”<sup>10</sup>. Isso configura uma contradição que é indissociável da mercadoria e se expressa na oposição entre valor-de-uso e valor, no trabalho individual, que funciona concomitantemente como trabalho concreto, produtor de objetos úteis, e como trabalho abstrato, produtor de valor. E aqui reside, segundo Marx, a possibilidade das crises econômicas<sup>11</sup>, cujas

---

9. “O tecelão de linho pode vender seu linho, porque o camponês vendeu o trigo; o apologista do copo, sua Bíblia, porque o tecelão vendeu seu linho; o destilador, sua aguardente, porque outro vendeu a água da vida eterna e assim por diante”. (Marx, 2003, p. 139)

10. *Ibid.*, p. 140.

11. Cf. Grespan, Jorge. *O negativo do capital*. Nessa obra o autor faz uma leitura marxista sobre a gênese das crises econômicas no capitalismo.

condições para que sejam efetivadas ainda não estão presentes na circulação simples de mercadorias.

Ainda na circulação de mercadorias  $M - D - M$ , o dinheiro aparenta mover a mercadoria do vendedor para o seu comprador, funcionando como meio de circulação. Ao expor essa ideia, Marx afirma que não é o dinheiro quem desloca a mercadoria, mas é a própria mercadoria quem faz o transcurso. Isso fica claro quando se concebe que o dinheiro é também mercadoria (desprendido de valor-de-uso) e, portanto, são apenas mercadorias que se movem ao mudarem de fase.

Anteriormente tratou-se da diferença entre valor e preço, é oportuno agora tratar de outra distinção, a de dinheiro e moeda, que, declara Marx, é também confundida pela economia política. Marx declarou que o dinheiro é trabalho cristalizado e é apresentado na forma de uma mercadoria eleita equivalente universal, ou seja, numa mercadoria em que todas as outras espelham nela o seu valor, sendo então por ela permutáveis. A moeda em Marx é a representação do dinheiro e decorre de sua função de meio de circulação, cunhada pelo Estado e aceita pela sociedade a partir do seu curso forçoso. Não obstante sua materialidade, a moeda pode reduzir-se a um caractere, a um elemento simbólico. Nas palavras de Marx:

O próprio curso do dinheiro, ao separar o peso real do peso nominal da moeda, a existência metálica desta de sua existência funcional, traz latente a possibilidade de o dinheiro metálico ser substituído, em sua função de moeda, por senhas feitas de outro material, por meros símbolos<sup>12</sup>.

Essa capacidade de a moeda ser representada por símbolos na circulação  $M - D - M$ , explica-se pela existência efêmera do valor contido nas mercadorias. Como o valor de uma mercadoria é imediatamente

---

12. Ibid., p. 152. Marx, nessa passagem, torna-se um visionário, pois a expressão mais pulsante da moeda como mero símbolo na contemporaneidade está nos cartões magnéticos, que por meio de um impulso elétrico funcionam como meio de circulação (papel-moeda) e/ou como meio de pagamento (dinheiro de crédito).

substituído pelo valor de outra, basta apenas uma representação simbólica do dinheiro para que a troca continue a realizar-se. Assim, sua “existência funcional absorve por assim dizer a material”<sup>13</sup>. Por ser uma relação objetiva, cujos preços das mercadorias são transitórios, o dinheiro pode ser símbolo de si mesmo na forma moeda.

O dinheiro espraia-se nas relações sociais afetando a subjetividade humana, seja pelo encantamento ou pela rejeição, mas parece impossível ser-lhe indiferente. Esse efeito do dinheiro na subjetividade humana não decorre de um determinismo, mas oriunda de um processo prático, histórico. Como sustenta Marx,

Já nos primórdios do desenvolvimento da circulação das mercadorias desenvolvem-se a necessidade e a paixão de reter o produto da primeira metamorfose, a forma transfigurada da mercadoria, a crisálida áurea.<sup>14</sup>

Se no fetichismo da mercadoria os objetos se autonomizam, tornado-se objetos sociais com vida própria e inversamente os homens se atomizam no processo de produção social, perdendo o controle de suas relações produtivas, no fetiche do dinheiro esse fenômeno torna-se “patente e deslumbrante”<sup>15</sup> a partir da eleição de um equivalente universal, o dinheiro.

Pela propriedade de poder ser convertido em todas as outras mercadorias, o dinheiro detém o atributo de tudo comprar. Em sua onipotência o dinheiro é o intermediário “entre a necessidade e o objeto, entre a vida e o meio de vida do homem”<sup>16</sup>. Mas como o fetichismo mercantil oculta as relações sociais, as encobrendo por relações técnico-produtivas, os sujeitos humanos não aparecem no processo. Ocorre que, entre a necessidade e o objeto, está a relação de um sujeito humano

---

13. Ibid., p. 156.

14. Ibid., p. 157.

15. Ibid., p. 117.

16. Marx, 2008, p. 157.

para com outro, e aquele que detém o dinheiro desfruta do privilégio de poder comprar trabalho alheio, portanto, de dominar a vida alheia.

O dinheiro dá ao seu possuidor o poder de comprar tudo o que for conversível em mercadoria, tornando-se assim onipotente, tanto quanto o dinheiro o é. As qualidades do dinheiro tornam-se as mesmas do seu possuidor, logo, sua subjetividade já não é mais definida meramente pela sua própria individualidade, mas pela quantidade de dinheiro que detém em suas mãos. Ademais, confere-lhe, conseqüentemente, o poder de transformar tudo em seu contrário.

Sou feio, mas posso comprar para mim a mais bela mulher. Portanto, não sou feio, pois o efeito da fealdade, sua força repelente, é anulado pelo dinheiro. Eu sou – segundo minha individualidade – coxo, mas o dinheiro me proporciona vinte e quatro pés; não sou, portanto, coxo; sou um ser humano mau, sem honra, sem escrúpulos, sem espírito, mas o dinheiro é honrado e, portanto, também o seu possuidor. O dinheiro é o bem supremo, logo, é bom também o seu possuidor, o dinheiro me isenta do trabalho de ser desonesto, sou, portanto, presumido honesto; sou tedioso, mas o dinheiro é o espírito real de todas as coisas, como poderia seu possuidor ser tedioso? Além disso, ele pode comprar para si as pessoas ricas de espírito, e quem tem o poder sobre os ricos de espírito não é ele mais rico de espírito do que o rico de espírito? Eu, que por intermédio do dinheiro consigo tudo o que o coração humano deseja, não possuo, eu, todas as capacidades humanas? Meu dinheiro não transforma, portanto, todas as minhas incapacidades (Unvermögen) no seu contrário?<sup>17</sup>

O dinheiro torna-se dessa forma o elo das relações sociais, mas também seu solvente, pois com a mesma veemência que une, separa. Como dirá Marx ao citar Shakespeare<sup>18</sup>, o dinheiro é a divindade visível<sup>19</sup>, é um deus encarnado, confraternizador de impossibilidades,

---

17. Ibid., p. 159.

18. Shakespeare, William. *Timão de Atenas*, ato IV, cena III.

19. Marx, 2008, p. 159.

mas é também a prostituta universal, o proxeneta universal dos homens e dos povos.<sup>20</sup>

O caráter numinoso do dinheiro apontado por Marx reflete-se nas relações cotidianas da sociedade burguesa. O desejo em obtê-lo esconde o afã pelo poder emanado pelo dinheiro, poder que advém como já dito, do seu atributo em comprar tudo o que for convertido em mercadoria, satisfazendo assim, como o gênio da lâmpada, os desejos e caprichos do seu possuidor<sup>21</sup>. Todavia Marx adverte:

Pressupondo o homem enquanto homem e seu comportamento com o mundo enquanto um [comportamento] humano, tu só podes trocar amor por amor, confiança por confiança etc. Se tu quiseres fruir da arte, tens de ser uma pessoa artisticamente cultivada; se queres exercer influência sobre outros seres humanos, tu tens de ser um ser humano que atue efetivamente sobre os outros de modo estimulante e encorajador. Cada uma de tuas relações com o homem e com a natureza – tem de ser uma externalização (Äusserung) determinada de tua vida individual efetiva correspondente ao objeto de tua vontade. Se tu amas sem despertar amor recíproco, se mediante tua externalização de vida (Lebensäusserung) como homem amante não te tornas homem amado, então teu amor é impotente, é uma infelicidade.<sup>22</sup>

Diante dessa passagem poderia se perguntar: o dinheiro se faz absolutamente necessário nas relações sociais? Ora, se outras formas de organização da sociedade forem observadas, ver-se-á que a forma dinheiro remete ao mundo antigo, ao nascedouro dos intercâmbios mercantis. Diz-se com isso então que o dinheiro é forma necessária à existência dos homens? Decerto que não. O dinheiro é apenas uma das formas que a sociedade desenvolveu num processo prático, histórico. Portanto, outras formas sociais

---

20. Idem, *ibid.*

21. Moura, 2004, p. 298.

22. Marx, 2008, p. 161.

podem ser gestadas culminando em novas formas de produção na qual os sujeitos humanos não estejam subalternizados aos objetos, e nem ao domínio de um homem sobre o outro.

O projeto de crítica da economia política elaborado por Marx solapa os alicerces dogmáticos que foram dados como sagrados pelos economistas clássicos, pondo em dúvida seus pressupostos, analisando questões dantes intocadas e dadas como verdades, a exemplo do questionamento sobre a existência do dinheiro.

O pensamento de Marx oferece um manancial de discussões. Ao confrontar suas ideias com os problemas contemporâneos ver-se-á o quão atual elas estão, à revelia do que se tem dito acerca de um suposto envelhecimento ou morte de suas ideias. As formas mercadoria, dinheiro e capital permanecem presentes no século XXI, e o capital, forma mais desenvolvida desse desdobramento, é ainda mais pujante neste século que se inicia. O aperfeiçoamento dos meios produtivos objetivando extrair mais-valia se intensifica subsumindo ainda mais os trabalhadores. Não obstante, o efeito devastador no meio ambiente fica cada vez mais patente diante da lógica de acumulação de riqueza abstrata. Assim, o pensamento de Marx continua atual frente a lógica impessoal e abstrata do capital.

## Referências bibliográficas

MARX, Karl. Grudrisse: lineamientos fundamentales para la crítica de la economía política 1857-1858. (Tradução: Wenceslao Roces).

México: Fondo de Cultura Económica, 1985;

\_\_\_\_\_. Manuscritos econômico-filosóficos. (Tradução: Jesus Ranieri).

SP: Boitempo, 2008;

\_\_\_\_\_. O capital: crítica da economia política. (Tradução: Reginaldo Sant'Anna). 21ª ed., RJ: Civilização Brasileira, 2003, livro I, vol. I;

MOURA, Mauro Castelo Branco de. Os mercadores, o templo e a filosofia: Marx e a religiosidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004 (Coleção Filosofia – 181);

ROSDOLSKY, Roman. Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx. (Tradução: César Benjamin). RJ: EDUERJ, Contraponto, 2001.